

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRIA: O BAIRRO DE OLARIA/RJ E AS CONEXÕES SUBURBANAS PARA O TURISMO

VERA LÚCIA BOGÉA BORGES

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

vera.borges@unirio.br

RESUMO

A cidade do Rio de Janeiro é compreendida como o espaço no qual a multiplicidade do patrimônio tanto material quanto imaterial apresenta uma riqueza fantástica que nem sempre é aproveitada pelos cariocas, visitantes e /ou turistas em função da ausência de diálogo entre os atores sociais envolvidos no processo. Neste sentido, refletir sobre o subúrbio representa ultrapassar os limites conhecidos de atrativos turísticos como a orla de Copacabana, o Cristo Redentor e o Pão-de-Açúcar. A Zona Norte com destaque para o subúrbio tem nos diferentes bairros marcas expressivas da história e do patrimônio que podem apresentar diferencial identitário. No caso de Olaria, a origem do bairro foi marcada pelo estabelecimento de fábricas de louças, telhas e tijolos que acabaram por batizar a localidade. A pesquisa analisa a paisagem do espaço periférico para refletir sobre as potencialidades existentes no bairro para o desenvolvimento da atividade turística a partir do reconhecimento de bens materiais e imateriais da cultura. Na atualidade, o bairro de Olaria pode ser entendido como uma das centralidades suburbanas tendo sua paisagem moldada pela presença da linha e paradas de trem. A pesquisa é exploratória e descritiva sendo realizada a partir de levantamento bibliográfico uma vez que foi realizada no contexto histórico da pandemia da COVID-19 o que impossibilitou o trabalho de campo com a visita ao bairro.

PALAVRAS CHAVE

Turismo; Patrimônio Cultural; História; Olaria; Conexões Suburbanas

INTRODUÇÃO

Frequentemente, a cidade do Rio de Janeiro é visitada a partir da Zona Sul, do centro carioca, da Barra da Tijuca e adjacências, o que dá uma visão limitada e estereotipada. No início do século XX, a chegada da linha do ramal da Leopoldina, também conhecido como ramal de Saracuruna (uma das linhas da SuperVia), transformou o bairro de Olaria. Outro processo que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

impactou a região foi a abertura da Av. Brasil, inaugurada em 1946, que tanto trouxe crescimento para os bairros atingidos pelo seu traçado quanto o trânsito pesado e a violência urbana dentre outros problemas. Na atualidade, o bairro de Olaria pode ser entendido como uma das centralidades suburbanas tendo sua paisagem moldada pela presença da linha e paradas de trem. Para exemplificar alguns desses atrativos é possível destacar a Matriz de São Geraldo e a festa em homenagem ao padroeiro celebrada em 16 de outubro. Além disso, o Bar da Amendoeira, o Palácio Maçônico de Olaria, o Estádio Álvaro da Costa Mello no Olaria Atlético Clube, a Sinagoga Ahavat Shalom e a Escola Chile que conta com painéis de grandes artistas nacionais como Di Cavalcanti e Georgina de Albuquerque são possibilidades para a visita (Fraiha; Lobo, 1998).

Em paralelo a isso, os eventos ao ar livre também apresentam as marcas da vivência do cotidiano do bairro compartilhados por moradores e visitantes. Em Olaria, o Reduto Pixinguinha é uma roda de choro que acontece no terceiro domingo do mês na Praça Ramos Figueira com programação musical de excelência sendo uma ação de um grupo que milita pela cultura da Leopoldina. Somado a isso, as iniciativas gastronômicas com destaque para a tradicional feijoada e, eventualmente, uma feira de artesanato promovida por moradores da Favela da Maré que fica nas redondezas, são propostas que acompanham este evento musical que acontece no bairro. Assim, o trabalho pretende refletir sobre a história e o patrimônio a partir das intersecções suburbanas com o turismo tendo como referência o bairro de Olaria.

HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: APROXIMAÇÕES EM OLARIA

Os primeiros habitantes da região que atualmente corresponde ao bairro de Olaria foram os índios tamoios que eram aliados dos franceses nos confrontos existentes na América portuguesa. No século XVI, na época do governador Estácio de Sá, os atuais bairros de Ramos, Olaria e Penha formavam duas sesmarias, isto é, a de Inhaúma e a de Irajá, que eram consideradas terras virgens adequadas para a lavoura e a pesca estando à beira mar. Posteriormente, os engenhos de açúcar e as produções de aguardente, frutas e hortaliças estabeleceram-se ali. (Breve História do bairro de Olaria, 2017).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As menções mais expressivas ao bairro de Olaria acontecem a partir do período joanino (1808-1821) com a compra da terra por Francisco José Pereira na área entre o Caminho da Matriz e o Morro da Penha. A predominância do terreno de barro vermelho existente ali era propício para a instalação de diversas olarias que fabricavam tijolos e outros objetos de cerâmica para atender os moradores do entorno e esses estabelecimentos acabaram por batizar o bairro, (Breve História do Bairro de Olaria). Por sua vez, durante o reinado de D. Pedro II, o bairro de Ramos consolidou sua história sendo que as primeiras ruas eram de chão batido, sem calçamento nem iluminação e, muito menos, tinham esgoto no período entre a passagem do século XIX para o século XX.

No final do oitocentos, a Estrada de Ferro do Norte (futuro ramal da Leopoldina) contava com uma estação central que atendia ao ramal em direção à Meriti, atual Duque de Caxias (baixada Fluminense). Ao longo do percurso, diversas paradas (futuras estações) foram sendo criadas em terrenos cedidos por antigas famílias da região e, gradativamente, pequenos bairros como Ramos, Olaria e Penha foram surgindo no subúrbio carioca. No caso de Olaria, “o bairro, naturalmente adotou o nome da sua primeira parada de trem. Surgem então as primeiras ruas de Ramos, as atuais Uranos, Professor Lacê, Aureliano Lessa, Euclides Farias, Roberto Silva e Teixeira Franco” (Fraiha; Lobo, 1997.p.25). Na região da Leopoldina, a única praia é a de Ramos o que deu ao bairro a identificação de Copacabana dos Subúrbios frequentada pelos banhistas que buscavam banhos de lamas medicinais e, ainda, permitiam a comercialização de caranguejos tendo os arredores cercados por cajueiros.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

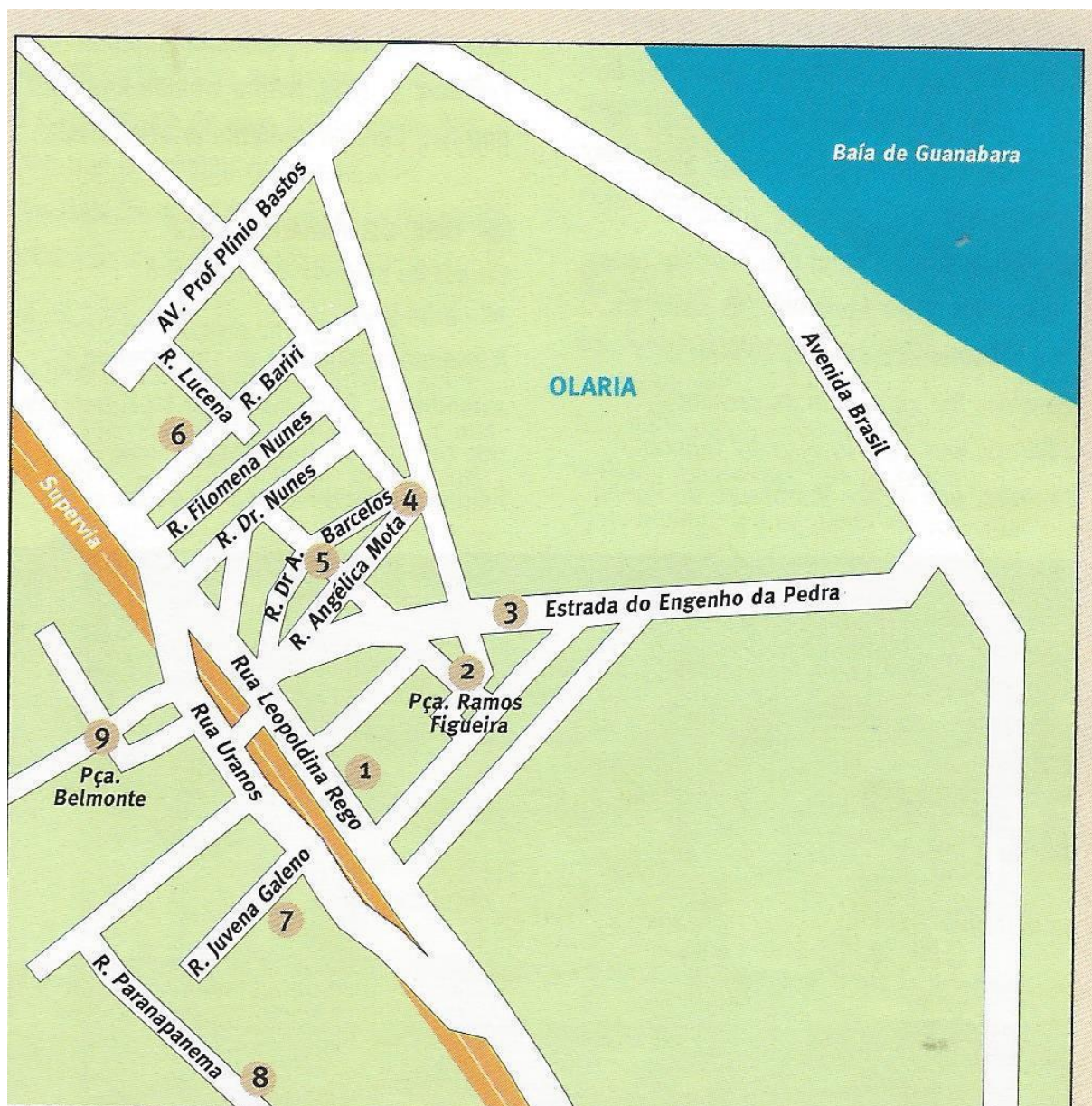


Figura 1 - Mapa de Olaria, que é um bairro histórico da Zona da Leopoldina, na Zona Norte carioca, que faz limites como os bairros da Penha, Ramos e do Complexo do Alemão. Além disso, na vizinhança está o Complexo da Maré formado por 14 favelas. Fonte: FRAIHA, Silvia; LOBO, Tiza (Coord.). *Ramos, Olaria & Penha*. Rio de Janeiro: Fraiha, 1998. p.71.

De acordo com Pedro Paulo Funari e Jaime Pinsky, patrimônio cultural é tudo aquilo que constitui um bem apropriado pelo homem, com suas características únicas e particulares (Funari; Pinsky, 2012, p. 8). Além do patrimônio histórico-arquitetônico (prédios históricos, construções, igrejas e museus), na reflexão, estendemos o significado para as tradições, os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

costumes locais, a música e a gastronomia. No caso da cidade do Rio de Janeiro, o patrimônio histórico cultural apresenta múltiplas facetas que são ainda mais potencializadas quando se reflete sobre o subúrbio carioca.

Ao longo de sua existência, a cidade do Rio de Janeiro teve seu traçado alterado a partir das ações impostas pelas suas autoridades. Entretanto, apesar das modificações urbanísticas, de certa forma, a rua tornou-se o espaço dos encontros, sejam afetivos ou de amizade, o local do confronto, das disputas ou o lugar das celebrações e da festa. Em termos históricos, as alterações políticas garantiram várias modificações à cidade do Rio de Janeiro desde a sua fundação, isto é, o início de colonização com as ameaças estrangeiras constantes, a expansão da cidade, a condição de município neutro, depois de capital federal e, mais recentemente, enquanto referência cultural do país. Estas transformações deixaram marcas no patrimônio material e imaterial carioca que são visíveis na atualidade e despertam, frequentemente, a atenção dos turistas e/ou residentes. A partir de seus prédios, casas e logradouros públicos, a arquitetura da cidade apresenta diferentes estilos entre colonial, neoclássico, romântico, eclético, *art déco* e moderno para citarmos os mais expressivos estilos que instigam seus visitantes quando eles têm a oportunidade de apreciá-los. Além disso, as diferentes expressões culturais da música, gastronomia e danças estão espalhadas pela cidade com potencialidade para serem atrativos turísticos. Portanto, a cidade do Rio de Janeiro é compreendida como o espaço no qual a multiplicidade do patrimônio tanto material quanto imaterial apresenta uma riqueza fantástica que nem sempre é aproveitada pelo turismo em função da dificuldade de diálogo entre os atores sociais envolvidos no processo apesar dos esforços dos pesquisadores que estão disponíveis para compartilhar os resultados de suas pesquisas, por exemplo, com as diferentes instâncias do poder público.

De acordo com Marly Rodrigues (2012), inicialmente, a finalidade do patrimônio era a de representar o passado da nação. Todavia, com o passar do tempo, esse sentido ganhou novas conotações que foram, por exemplo, ressignificadas no subúrbio carioca. Segundo Maria Paula Albernaz (2019), a vasta região suburbana do Rio de Janeiro é muito diversificada, apesar de considerar que os aspectos comuns existentes permitem formar identidade comum entre os bairros. Recentemente, junto com Ramos e Bonsucesso, os três bairros passaram a ser considerados como subcentro regional da Metrópole do Rio de Janeiro. Vale destacar que a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

circulação do trem pelos bairros e a existência de suas estações ali são elementos importantes da paisagem urbana. Além disso mais um modal de transportes contribuiu para reforçar a fragmentação suburbana de Olaria e Ramos com a implantação do corredor viário exclusivo para a passagem do BRT (*Bus Rapid Traffic*) Transcarioca que opera em paralelo à linha do trem. Ao mesmo tempo que nova alternativa de transporte público é oferecida à população, a novidade também veio acompanhada de novas tensões em relação aos fluxos de circulação, aos usos e à sociabilidade. Os aterros sucessivos que atingiram especialmente Olaria e Ramos somados à degradação da Baía de Guanabara contribuíram para o apagamento da memória de beira-mar suburbana que marcou o imaginário coletivo principalmente de seus moradores.

De acordo com a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (2019), o Parque Ambiental da Praia de Ramos Carlos de Oliveira Dicró, popularmente conhecido como Piscinão de Ramos, ou Praia de Ramos, é uma área de lazer instituída no início dos anos 2000. A área consiste em uma praia artificial, em torno de uma piscina pública de água salgada, sendo que a Praia de Ramos é um dos símbolos do subúrbio carioca, servindo de locação para as produções artísticas que ajudaram a divulgar esse espaço de lazer. Além de ser um dos maiores incentivadores desse entretenimento para a população suburbana, Dicró (1946-2012) foi um cantor e compositor brasileiro que se destacou pelas sambas satíricas e, alguns deles popularizaram a figura da sogra que foram muito bem aceitos no imaginário popular.

ATRATIVOS TURÍSTICOS EM OLARIA/RJ NA CONTEMPORANEIDADE

Até a pandemia de COVID-19, várias celebrações marcaram as ruas do bairro, com projeção para as festas religiosas e, também, as musicais. Segundo Fraiha e Lobo (1998), a matriz de São Geraldo foi erguida, em 1932, por Quincas Leandro que era um dos sócios do Matadouro da Penha sendo sua pedra fundamental abençoada pelo cardeal Sebastião Leme da Silveira Leme (1882-1942) que era uma das autoridades religiosas na cidade do Rio de Janeiro. No mês de outubro, a festa de São Geraldo é comemorada sendo o santo considerado padroeiro da gradivez, da maternidade e daqueles que são facilmente acusados de algo. As festividades religiosas estão sempre muito presentes no subúrbio carioca, no caso de Olaria, o templo religioso tem projeto arquitetônico em estilo bizantino sendo considerada uma das mais belas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

igrejas da cidade. Vale destacar que sua obra foi totalmente financiada pelos paroquianos, fato frequente em algumas localidades do Rio de Janeiro.

Por sua vez, a partir 2011, na Praça Ramos Figueira, no Reduto Pixinguinha, acontece um evento musical intitulado Roda de Choro que é promovida pelo Grupo 100% Suburbano (Roda de Choro, 2018) que acontece no terceiro domingo do mês tendo sido idealizado por Mauro Ribeiro e Paulo Barão.



Figura 2 - Roda de Choro do grupo 100% Suburbano realizada em Olaria
<https://www.brasilefatorj.com.br/2018/04/25/roda-de-choro-resgata-pixinguinha-na-zona-norte-do-rio> Acesso: 20/7/21

O subúrbio é conhecido por ser o berço do samba abrigando as rodas de samba mais conhecidas da cidade e, especificamente naquela região, nasceram ou viveram referências musicais como, por exemplo, Pixinguinha, Paulo da Portela e Clementina de Jesus. Neste sentido, a música funciona como elemento agregador visando estimular encontros mais propositivos trazendo debates sobre os temas relacionados à realidade cotidiana dos moradores do subúrbio carioca.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em 23 de abril é comemorado o Dia Nacional do Choro, sendo a data escolhida em função do nascimento de Pixinguinha, considerado um dos pilares da música popular brasileira. Em 2018, a Secretaria Municipal de Cultura e o Instituto Casa do Choro promoveram vários eventos pela cidade para celebrar o estilo musical mais antigo do Brasil e que ainda desperta o interesse de várias gerações de fãs. Na ocasião, Jacob do Bandolim e Dino Sete Cordas foram homenageados em função do centenário de nascimento deles festejado naquele ano. Apesar do samba ser considerado o símbolo nacional do Brasil, o choro, também afetivamente chamado de *chorinho*, foi o estilo musical que influenciou tanto o samba quanto à bossa nova. A companhia operadora de transporte ferroviário responsável pela malha ferroviária urbana de passageiros da região metropolitana do Rio de Janeiro, desde 1998, a SuperVia, programou também o Trem do Choro quando os músicos se concentraram, às 9 horas, na Estação Central do Brasil. Enquanto os vagões circulavam, os músicos tocavam para os passageiros que estavam ali e fizeram o percurso até as estações Olaria e Penha Circular (ramal Saracuruna) quando desembarcaram. Já na parte da tarde, duas programações marcaram o bairro de Olaria, a primeira com o coral Nós e o Choro e a segunda com as apresentações do Choro e a realização de Rodas de Samba na frente do Bar da Portuguesa, na Rua Custódio Nunes (Bernardes, 2018). É importante destacar que Pixinguinha frequentava o local e mais recentemente o bar foi redescoberto passando a constar nos roteiros dos botequins cariocas localizados no subúrbio da cidade. Em paralelo à música, as artes plásticas também foram contempladas com as atividades de pintura de painéis, as oficinas de argila, assim como a realização tanto de uma feira de artesanato quanto de feijoada enquanto alternativa gastronômica.

Assim, como a música, o futebol é importante referência para os cariocas sendo que, em 2015, Olaria Atlético Clube, que abriga o Estádio Álvaro da Costa Mello, completou seu centenário de fundação quando ainda era, em 1915, denominado Olaria *Football Club* numa área formada por chácaras e poucas casas no contexto histórico da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em 1972, no gramado da Rua Bariri, Garrincha encerrou sua carreira no futebol e marcou seu último gol balançando a rede do estádio. No final da década de 1970, o futuro artilheiro Romário, que jogou inclusive na seleção brasileira, foi revelado pelo clube e se tornaria um dos maiores jogadores do mundo. (Olaria Atlético Clube, 2015). Além disso, a sede abriga o maior parque aquático da região do ramal da Leopoldina, assim como ginásio aberto, amplo salão de festas e uma churrascaria bastante frequentada pelos leopoldinenses.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Além da música e do futebol, o patrimônio artístico também tem suas referências na Escola Municipal Chile, na Praça Belmonte, no bairro de Olaria, que foi construída quando Anísio Teixeira era o secretário de Educação do Distrito Federal e incentivava a presença da arte em prédios públicos. Desta forma, nas suas dependências estão os painéis datados de 1934 de Di Cavalcanti e Georgina de Albuquerque que foram dois artistas brasileiros que se destacaram na primeira metade do século XX. (Fraiha; Lobo, 1998). Nas décadas seguintes, algumas reformas foram feitas no estabelecimento de ensino e devido ao alto custo para a restauração, as obras foram cobertas com tapumes e acabaram esquecidas. Na década de 1970, elas foram localizadas, mas as paredes foram cobertas por placas de madeira. Em 1997, a partir do relato de uma funcionária e da atuação de integrantes da Associação de Pais e Alunos, novamente os painéis foram tornados públicos e, três anos depois, a partir de uma iniciativa do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, a Resolução de Tombamento foi obtida por intermédio da Lei n. 3.009 de 18 de janeiro de 2000.

A partir da breve caracterização da atratividade histórica e cultural no bairro de Olaria, o potencial turístico do subúrbio carioca deve ser apresentado para turistas que tenham interesse em conhecer a cidade para além dos locais de visitação tão divulgados nas redes sociais e por aqueles que estiveram no Rio de Janeiro. Portanto, as múltiplas dimensões do bairro estudado permite que encontros e relações sejam estabelecidas e a possibilidade de interação entre turistas e/ou visitantes, que podem morar em outras partes da cidade, com os residentes dali pode proporcionar experiência ímpar superando as visões estereotipadas e reconhecendo que o subúrbio têm voz que merece e deve ser ouvida.

Neste sentido, a atividade turística tem que se desenvolver sem comprometer a cultura e os estilos de vida das comunidades anfitriãs. A compreensão dos significados do patrimônio que é apresentado aos turistas deve envolver tanto a população receptora quanto os visitantes. A busca pelo modo equilibrado e sensato de exposição do patrimônio talvez seja um dos grandes desafios para o segmento do turismo histórico-cultural.

Apesar de que cada vez mais o número de pessoas que desfrutam do turismo tenha aumentado, ainda existe uma parcela substancial, a base da sociedade brasileira, que está excluída da prática turística. Em um país com as dimensões geográficas do Brasil, é fundamental que a população receba uma educação formal com saberes escolares que vão da matemática ao português, passando pela história, geografia, línguas estrangeiras e ciências. Além disso, é fundamental

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que a educação também aconteça pelo viés cultural. Os diferentes setores sociais brasileiros têm que ter contato com a música, a dança, o teatro, o cinema, a culinária e a religião, dentre outros aspectos da cultura do nosso país. Assim, uma formação que combine o conhecimento formal com a vivência cultural fará com que os brasileiros contribuam de forma consciente para apresentar o país aos turistas tão ávidos em conhecê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bairros suburbanos da Leopoldina a partir de Bonsucesso, Ramos e Olaria têm suas especificidades e não devem ser entendidos como espaços homogêneos. Apesar dos aspectos em comum, a diversidade da região permite-nos refletir acerca da identidade suburbana. Neste sentido, um dos importantes avanços da pesquisa está em perceber que o reconhecimento do patrimônio do subúrbio carioca não está necessariamente acompanhado do suporte material, o que dificulta para turistas e residentes cariocas que querem visitar esses bairros tornando esses locais inviabilizados e/ou invisíveis para o grande público. Portanto, os avanços das pesquisas sobre patrimônio histórico devem contribuir para desnaturalizar esse conjunto que é múltiplo, superando a visão oficial do Estado brasileiro estabelecida principalmente a partir do período Vargas (1930-1945). Aqui vale uma observação. O reconhecimento das potencialidades do patrimônio material e imaterial existente no subúrbio contribui para a construção da identidade carioca, uma vez que é núcleo auto suficiente da cidade que se desenvolveu ao longo da linha do trem e, em torno, do qual se criou estigmas tão disseminados pelo senso comum. No processo de urbanização do Rio de Janeiro, a atualização de categorias como, por exemplo, o subúrbio tem que ser estudado por perspectivas múltiplas na cidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, M. P. (2019). *Olhares para os subúrbios da Leopoldina a partir de Bonsucesso, Ramos e Olaria*. In: SANTOS, J. J. dos; MATTOSO, R.; GUILHON, T. (Orgs.). *Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade*. Rio de Janeiro: Mórula, p.87-114.
- BERNARDES, L. (2018). *Dia Nacional do Choro é comemorado com diversos eventos no Rio*, <https://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detalhes/dia-nacional-do-choro-e-comemorado-com-diversos> Acesso:7/8/21.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Breve História do Bairro de Olaria. (2017) <https://diariodorio.com/breve-historia-do-bairro-de-olaria/> Acesso: 1/7/21.

CAVALCANTE, P.; BORGES, V. L. B. (2016) . *Turismo, Patrimônio e História: o Rio de Janeiro enquanto cidade turística nas diferentes temporalidades*. In: Primeiro Congresso Iberoamericano de História Urbana: Cidades no tempo: infraestruturas, territórios e patrimônio, 2016, Santiago de Chile. Anais do Primeiro Congresso Iberoamericano de História Urbana: cidades no tempo: infraestruturas, territórios, patrimônio. Santiago: Associação Iberoamericana de História Urbana. v. 1. p. 97-105.

FRAIHA, S.; LOBO, T. (Coord.). (1998). *Ramos, Olaria & Penha*. Rio de Janeiro: Fraiha, FUNARI, P. P.; PINSKY, J.. (Orgs.) (2012). *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. (2006). *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar..

Mais Vozes, Mais Rio (VozeRio). <http://vozerio.org.br/Turismo-no-suburbio> Acesso: 23/3/21

MILENE, R.. *Reduto do Choro no Reduto Pixinguinha*. <https://anovademocracia.com.br/noticias/516-agenda-cultural/11445-choro-no-reduto-pixinguinha>. Acesso: 23/3/21.

Olaria Atlético Clube, 2015. <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/olaria-atletico-clube-100-anos-do-time-que-e-orgulho-do-futebol-do-rio-de-janeiro> Acesso: 07/08/2021.

OLIVEIRA, M. P. de O.; FERNANDES, N. da N.. (Orgs.) (2020). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ,UFF.

Prefeitura do Rio de Janeiro. (2019), *Obras de revitalização de área de lazer no piscinão de Ramos*.<https://prefeitura.rio/infraestrutura/obras-de-revitalizacao-de-area-de-lazer-no-piscinao-de-ramos-serao-concluidas-em-dezembro/>.

Roda de choro resgata Pixinguinha na zona norte do Rio. <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/04/25/roda-de-choro-resgata-pixinguinha-na-zona-norte-do-rio> Acesso: 20/7/21.

RODRIGUES, M. (2012), *Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo*. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J.. (Orgs.) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, p.15-24.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ROLNIK, R. (2004). *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense.

SANTOS, J. J. dos; MATTOSO, R.; GUILHON, T. (Orgs.). (2019). *Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade*. Rio de Janeiro: Mórula.